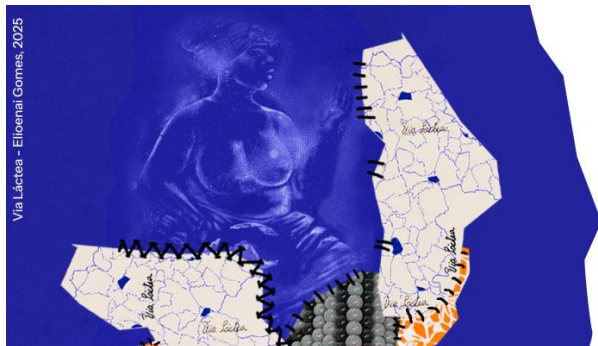




GRUPO DE DANÇA FULÔRES DE PALCO E O ESPETÁCULO NAVIO NEGREIRO: ARTE , SUPERAÇÃO E RESISTÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA

Lilian Kelen Sousa Pinto¹

Ediane Ferreira Cavalcanti Ramos²

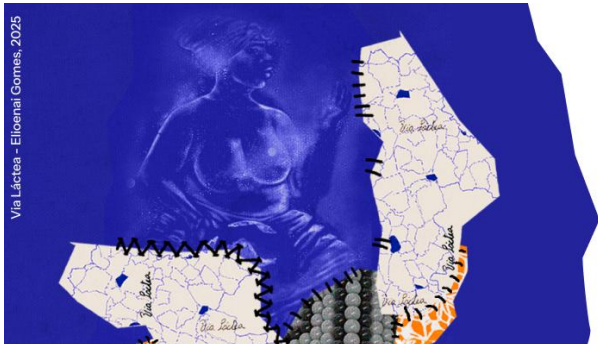
A palavra resistência tem vários significados, várias possibilidades de contexto e entendimento. Numa busca simples no dicionário encontramos “opor resistência; não ceder”, ou ainda “defender-se”, “durar, subsistir, conservar-se”. Esse termo mostra-se bem pertinente quando usado para caracterizar a trajetória do grupo de dança *Fulôres de Palco* no chão da escola, nestes 14 anos de permanência na EREM de Beberibe.

Situada na zona norte do Recife, a Escola de Referência em Ensino Médio de Beberibe é uma das mais de 510 escolas que fazem parte da rede de ensino médio integral do estado de Pernambuco. Conta atualmente com quase 400 estudantes distribuídos nas três séries do Ensino Médio, que permanecem na unidade escolar nos turnos da manhã e da tarde.

Inicialmente o *Fulôres de Palco* surgiu como um dos projetos realizados na referida escola, no ano de 2011, mas que diante das mais variadas adversidades - que iam desde encontrar uma sala vazia, ou um espaço adequado para realização das atividades, até detalhes de equipamentos técnicos como som e projetor - aos poucos forçaram a desistência sistemática dos demais projetos na escola, tendo sido grupo de dança o único a resistir até os dias de hoje, firmando-se como ação importante para a resistência da arte na escola

¹ Licenciada em Artes Cênicas pela UFPE, Mestra em Ensino da Arte pelo programa PROFARTE da UFPB; lilianpintoprofarte@gmail.com;

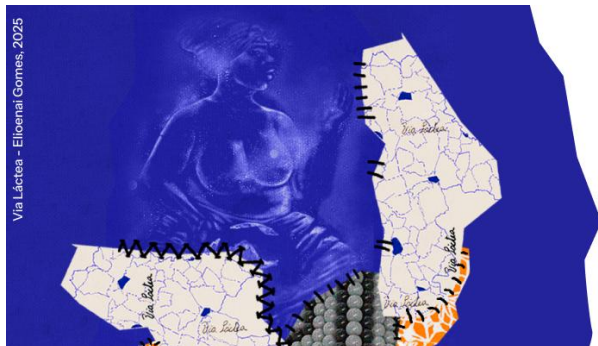
² Licenciada em Educação Física pela UPE, Especialista em dança pela UPE; edianecavalcanti@yahoo.com.br



Ao longo destes 14 anos de existência, o grupo abordou temáticas distintas, sendo objeto deste relato o espetáculo Navio Negreiro, que surge como ação necessária na busca pela superação de visões equivocadas e por isso, preconceituosas demonstradas pelos estudantes quanto à temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, principalmente no tocante as religiões afro-brasileiras, especificamente as expressões da “Religião dos Orixás” apresentadas pelo Candomblé Nagô ou Candomblé Jejê-nagô em Pernambuco. Amparados pela Lei Federal 10.639/2003 e seus documentos regulatórios, que direcionam o olhar para a desconstrução da visão eurocêntrica sobre a história da África e dos africanos, tratando da necessidade de incluir a temática História e Cultura Afro-Brasileira, foram realizadas leituras e debates durante as aulas de arte, com o intuito de despertar a consciência da importância da História e Cultura Afro-Brasileira dentro de cada um, para que de uma forma ampla todos os estudantes da EREM de Beberibe estivessem sensibilizados sobre a temática e, assim pudessem apreciar melhor o espetáculo que estava sendo criado.

No momento em que uma temática se faz presente, quando surge uma movimentação interna de criação, algo nos impulsiona ao ato criador. Célia Almeida Salles, em Gesto Inacabado (2011), traz um esclarecimento acerca dos meandros do processo criativo de um objeto artístico, destacando a importância do registro deste processo por parte do autor, para que após a obra finalizada haja uma melhor compreensão dela. “O processo de criação é o lento clarear das tendências que por sua vez, está aberta a alterações.” (SALLES, 2011, p.39) A autora passeia pelos caminhos imprecisos da concepção artística e afirma a importância do ambiente no qual aquele processo está inserido, originando algumas das características que farão parte daquele processo. “Quando se fala em solo, pensa-se no contexto, em sentido bastante amplo, no qual o artista está imerso: momento histórico, social, cultural e científico (SALLES, 2011 p.45)

O solo aqui é a escola. É o Fulôres de Palco. Por contar com jovens estudantes de turmas variadas, os encontros ocorreram sempre no horário de almoço. Mesmo



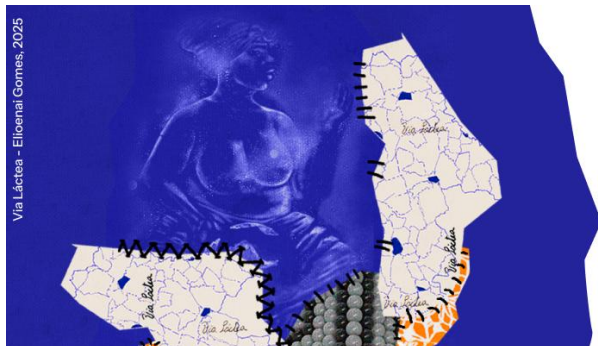
sendo a arte da cena algo coletivo, faz-se necessária a divisão em duas equipes para que cada jovem desenvolva da melhor forma as habilidades que lhe são mais fortes: os bailarinos junto à professora Ediane Ramos compondo a narrativa coreográfica, movimentos, expressões e a produção sob coordenação da professora Lílian Pinto compondo os elementos técnicos do espetáculo como cenário, figurinos, adereços de cena. Durante o período de fevereiro à setembro de 2024 estas duas equipes trabalharam em constante comunhão, cientes da importância de cada um para o processo criativo, permanecendo juntos num horário em que a maioria dos jovens preferem sociabilizar com os amigos ou simplesmente descansar de uma manhã repleta de aulas. A história do Fulôres de Palco testemunha em favor da representatividade e importância das ações nele desenvolvidas e que servem de combustível na tentativa de não esmorecimento do ato criativo.

O momento da apresentação final aconteceu no Teatro Barreto Júnior (localizado no Pina, região metropolitana do Recife/PE), no dia **26 de setembro de 2024**. Por se tratar de um processo artístico-pedagógico o intuito é que toda a comunidade escolar estivesse presente neste dia: professores, equipe da gestão, demais estudantes, além dos familiares de cada jovem participantes do Fulôres e representantes da Gerência Regional de Educação – Recife Norte, Técnicos de Arte e de Educação Física também da referida Gerência, em uma grandiosa festa da Escola Pública no Teatro. E assim aconteceu e foi memorável.

Figura 1 – coreografia “Mulemba”



Fonte: A autora



Neste dia que ficou latente a força da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, quando os três pilares – contextualizar, apreciar e fazer arte – mostra-se primordial para o cocrescimento crítico não apenas para o estudante mas também para toda a escola. Sendo uma abordagem não fechada em si, possibilita que o professor escolha por quais das pontas deste triângulo deseja começar, realizando mudanças e adequações a partir do que ele imagina querer construir com seus estudantes. Mas é certo que, é fundamental para o ensino da arte passar pelos três pilares – contextualização histórica, apreciação artística, fazer artístico.

Figura 2 – Coreografia “Oxum Orixá das águas”



Fonte: A autora

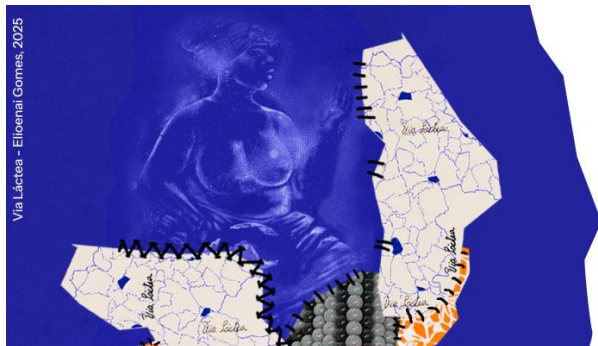


Figura 3 - Coreografia "Navio Negreiro"



Fonte: A autora

Mesmo sendo elaborada para as artes visuais, tal tríade pode ser aplicada para as demais linguagens artísticas possibilitando aos estudantes – do grupo e da platéia – vivenciarem a estética, compreendendo que a escola pode ser também o lugar de produção de trabalhos que vão muito além de coreografar datas comemorativas do calendário escolar. A escola pode ser espaço onde a arte caminhe lado a lado na formação do indivíduo. Strazzacappa (2001, p. 71, 2001) em um de seus muitos artigos sobre a dança na educação, nos diz que “A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas”. Neste sentido, tanto Strazzacappa quanto Salles trazem a nós uma luz e um direcionamento do papel da dança e da arte para a vida e, consequentemente, para a educação.

Marques (2014) complementa esse debate quando traz à tona o conceito de artista/docente como sendo o indivíduo que não abandona suas capacidades de criar,

interpretar e dirigir, “... abrindo a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos também explicitamente educacionais” (Marques, 2014, p.232)

Referências:

BARBOSA, A. M.(org.). **Arte-educação: leitura no subsolo** – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2001. 199p.

MARQUES, I. M. **Dançando na escola** – São Paulo: Cortez, 2003. 206 p.

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos** – 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2008. 126 p.

SALLES, C.A. **Gesto inacabado: processo de criação artística** – 5.^a edição – São Paulo: Intermeios, 2011. 186p.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n.º 53, p.69-83 abril, 2001.

_____. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Revista Pensar a prática** 6: 73-83, jul./Jun.202-203.